

## CORDEL COM TEMPERO CAPIXABA

SILVA, Rodrigo dos Santos Dantas da<sup>1</sup>

**RESUMO:** Busca-se, neste artigo, apresentar a literatura de cordel que vem sendo produzida no Estado do Espírito Santo. É exposto o cordel a partir de sua chegada em nosso país através das averiguações de Abreu (1999). Mapeia-se cordelistas/ produtores de cordel capixabas e analisa-se, através de um movimento dialógico, algumas dessas produções capixabas a fim de se estabelecer a arquitetura de folhetos ou poemas de poetas, os quais, debruçaram-se nesse estilo a *priori* nordestino. Observa-se que a literatura de cordel do Espírito Santo é pouco evidenciada nesse Estado e almeja-se fazer ecoar as vozes desses autores através desta pesquisa, assim como expor a potência do cordel capixaba.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura de cordel; Cordel capixaba; Literatura de cordel do Espírito Santo.

## CORDEL WITH CAPIXABA SEASONING

**ABSTRACT:** The article presents a cordel literature that has been produced in the state of Espírito Santo. Cordel is exposed from its arrival in our country through the investigations of Abreu (1999). Cordelistas/cordel producers from Espírito Santo are mapped and some of these productions from Espírito Santo are analyzed through a dialogical movement in order to establish the architecture of pamphlets or poems by poets who focused on this a priori northeastern style. It is observed that the cordel literature of Espírito Santo is little evidenced in this state and it is intended to echo the voices of these authors through this research, as well as to expose the power of the capixaba cordel.

**KEYWORDS:** Cordel literature; Cordel capixaba; Cordel literature of the Espírito Santo.

### Instigações iniciais

---

<sup>1</sup> Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), professor de língua portuguesa pela PMVV-ES e Sedu-ES. E-mail: [dyghusoueu@gmail.com](mailto:dyghusoueu@gmail.com) .

As reflexões aqui presentes são um desdobramento de minha dissertação de mestrado, *O cordel capixaba no Ensino Fundamental II: práticas dialógicas de leitura e escrita nas aulas de Língua Portuguesa*, a qual procurou discutir a correlação existente entre o ensino de leitura e produção de texto embasadas na literatura de cordel capixaba<sup>2</sup> com estudantes do Ensino Fundamental – Anos Finais nas aulas de português e literatura de uma turma de 8º ano de determinado educandário do Espírito Santo.

Os dados aqui apresentados anseiam contextualizar a história desse gênero discursivo, o cordel, no Brasil, traçando seu advento no Estado do Espírito Santo, da mesma forma que mapear pessoas que escrevem ou escreveram literatura de cordel nesse Estado. Acreditamos que o cordel, enquanto movimento literário de expressão popular, tende a valorizar a história e a voz de um povo, por isso é pertinente pesquisarmos o cordel capixaba e investigar os movimentos concretos que o envolvem – a fim de contribuir com as aulas de literatura na educação básica, com as pesquisas acadêmicas na área de literatura e com os momentos de apreciação mais informal de leitura/ recitação poética.

Muito importantes para nossas observações sobre a chegada do cordel no Brasil foram os estudos de Abreu (1999) e Silva (2018); assim como as definições e tipos que envolvem a poesia que percorre os folhetos: um resultado cultural, que, apesar de em nosso país trazer raízes lusitanas ainda do período colonial, se instalou principalmente na região Nordeste, mas que no século XIX se define e migra para outros territórios geográficos do país – e, em 2018, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o IPHAN, concedeu à literatura de cordel o título de Patrimônio Cultural Brasileiro, o que ratifica a nossa ideia de que o cordel tem um valor simbólico e representativo, o qual se alastra pela cultura popular brasileira, em diversas regiões e estados, inclusive no Espírito Santo.

Nos dedicamos também neste artigo a olhar a literatura de cordel não como uma poética menor por ser popular, mas um gênero do discurso da literatura: pelas bases teóricas bakhtinianas, um enunciado que está situado histórico e ideologicamente, oriundo de um meio social real e concreto (em nosso caso, a materialidade capixaba). Entendemos o cordel como um enunciado (literário) discursivo mutável e plástico (BAKHTIN, 2011, p. 285), o qual se

---

<sup>2</sup> Estamos usando os termos “cordel capixaba” e “cordel produzido no Espírito Santo”, por conta da referência popular do termo capixaba, o que dialoga com o gênero discursivo cordel – que em nosso estado também foi escrito por sujeitos que se radicaram aqui.

relaciona com o dia a dia através do ecoar das vozes daqueles que o escrevem, os cordelistas; ademais, os folhetos trazem enunciados envoltos por vozes sociais/ reais que excedem àquilo que definem sua métrica e arquitetônica pré-estabelecida. Ressaltamos ainda que neste trabalho tomaremos, daqui para frente, o uso do termo cordel para o nosso recorte, pois concordamos com Josivaldo Custódio da Silva (2021), quando ele diz que a palavra cordel já pressupõe ao que se refere aos estudos literários; usaremos também a expressão cordel capixaba, visto que ela remete à cultura do vernáculo espírito-santense, embora acreditemos que a literatura brasileira pode ser produzida em qualquer região/ estado de nosso país.

O nosso maior anseio, desde quando nos predispusemos a estudar esses folhetos, em 2019, é que a partir desse substrato que envolve o Espírito Santo, o cordel com tempero capixaba, reverbera outras discussões e apontamentos que possibilitem novas práticas embasadas no cordel capixaba nas aulas de literatura na educação básica. No entanto, almejamos também contribuir com investigadores, intelectuais e periódicos que tenham interesse em literatura de cordel e suas diversas formas na contemporaneidade (e em outras regionalidades).

### **Cordel: uma possível chegada no Espírito Santo**

O cordel tem origem francesa, no século XVI, período da Idade Média, concomitante ao Trovadorismo, em que cantigas trovadorescas eram extremamente ligadas aos movimentos da oralidade, visto que aqueles versos eram cantados em diálogo com instrumentos musicais. Com o surgimento da imprensa, os folhetos têm o seu advenho. A chegada dos folhetos em Portugal data o fim do século XVII e é no final desse século que eles chegam ao Brasil colonial, não só por meio dos portugueses, mas também através de colonizadores espanhóis.

Segundo Silva (2018), em Portugal os folhetos traziam não só as narrativas populares, mas informavam à população sobre o que acontecia. O cordel português ainda era produzido em prosa (NASCIMENTO, 2021), não possuía uma estrutura fixa e abarcava diversos gêneros do discurso: receitas, novelas, teatro, contos fantásticos, notícias (ABREU, 1999, p. 21). O material impresso era exposto por meio de uma corda, por isso o nome cordel, e a partir dessa exposição era comercializado em feiras. Em Portugal, o cordel também era chamado de

literatura de cegos, pois Dom João V permitiu, no ano de 1789, que a Irmandade dos Homens cegos de Lisboa, comercializasse essas publicações. No território espanhol o cordel ainda é denominado de “folhas soltas”. Voltando a Portugal, o cordel também teve sua relação com as práticas orais, pois os sujeitos letrados liam o conteúdo dos folhetos para os que não dominavam a leitura. Ainda nesse contexto lusitano, os folhetos se popularizaram a partir do momento em que foram impressos em um material de pouca qualidade para serem vendidos para as classes sociais mais pobres (MARINHO e PINHEIRO, 2012, p. 19).

Em nossas pesquisas não conseguimos circunscrever com precisão uma data em que os folhetos de cordel advêm ao Brasil, porém compreendemos que o período colonial demarca esse movimento de chegada com os portugueses e, ainda, durante as invasões ao Nordeste brasileiro pelos espanhóis. Os estudos de Souza e Passos (2018, p. 77) expõem que o cordel, primeiramente chega a Salvador e por meio de práticas orais/ sociais é compartilhado para outras regiões do Nordeste brasileiro. Segundo Márcia Abreu (1999, p. 105), o cordel que vinha da Europa, especificamente o português, não demandava ao leitor brasileiro problemáticas sociais, políticas ou econômicas, contudo, buscava retratar os heróis e a nobreza lusitanas, os entraves entre o bem e o mal e, ainda, o equilíbrio existente entre as classes mais baixas e a burguesia portuguesa. Nos dias hodiernos, o contexto de produção nacional delinea o conteúdo e as particularidades do cordel brasileiro.

A estrutura do cordel do Brasil se diferencia do material que era produzido em Portugal: a literatura de cegos lusitana era destinada aos diversos gêneros discursivos e de diferentes campos da atividade humana, além de ser predominada pela prosa. O cordel português estava muito mais associado a um procedimento editorial (ABREU, 1999, p. 25), do que a uma manifestação cultural, artística e poética. Sobre a evolução do cordel no Brasil:

A evolução da literatura de cordel no Brasil não ocorreu de maneira harmoniosa. A oral, precursora da escrita, engatinhou penosamente em busca de forma estrutural. Os primeiros repentistas não tinham qualquer compromisso com a métrica e muito menos com o número de versos para compor as estrofes. Alguns versos alongavam-se inaceitavelmente, outros eram demasiadamente breves. Todavia, o interlocutor respondia rimando a primeira palavra do seu verso com a última de seu parceiro [...] (SILVA, 2011, p. 19).

Já quando impressos, os folhetos inicialmente eram feitos em tipografias de jornais e, em um determinado momento, o próprio cordelista passou a imprimir o seu material em suas tipografias. Esses folhetos eram vendidos em mercados públicos, feiras e até enviados pelos correios; os cordelistas, inclusive, tinham os seus revendedores. Em um primeiro momento, as capas dos cordéis traziam ilustrações de artistas ou fotos de cartões-postais. Em 1940, a técnica de xilogravura é atribuída às capas dos folhetos.

É na metade do século XIX que a arquitetura do cordel é definida e se populariza por meio das práticas orais: recitações de poemas, cantorias e pelejas (que muito lembram as batalhas de rima da contemporaneidade). Leandro Gomes de Barros, considerado o pai do cordel brasileiro, publica seus primeiros livretos de cordel em 1893, logo depois Francisco das Chagas Batista e João Martins Athayde também publicam seus cordéis. É também nesse período de estruturação dos padrões de composição, que acontecem as maneiras de se comercializar cordel e a constituição do público apreciador dessa literatura (MARINHO e PINHEIRO, 2012, p. 22). Ressaltamos ainda, consoante aos apontamentos de Haurélio (2013), que até a primeira metade do século XX, Paraíba e Pernambuco eram os centros de produção cordelística no Brasil.

O cordel hoje abarca os mais variados temas desde as histórias jocosas aos dramas históricos (HAURÉLIO, 2013, p. 57). Atualmente, sobre o conteúdo temático dos cordéis podemos encontrar folhetos desses tipos: a) Pelejas, que são os debates poéticos; b) Folhetos de circunstância, que trazem narrativas que se assemelham aos relatos jornalísticos; 3) ABCs: poemas estruturados em narrativas e que trazem em cada estrofe uma letra do alfabeto; 4) Romances com disputas entre heróis e vilões, os quais podem ser de estilos diversos e trazem elementos da narrativa. De acordo com Marinho e Pinheiro é na década de 1920 que a estrutura dos conteúdos dos folhetos foi estabelecida: “Na década de 1920, graças à atuação de João Martins de Athayde, as características gráficas dos folhetos foram estabelecidas: 8 a 16 páginas, para as pelejas e poemas de circunstância; 24 a 56 para os romances (MARINHO e PINHEIRO, 2012, p. 26).

No cordel é muito comum vermos a sextilha como métrica: seis versos com sete sílabas poéticas, com rimas alternadas nos versos pares. Geralmente, encontramos os romances feitos

com esse tipo de rimas, porém, a depender de núcleo temático, podemos encontrar outras métricas poéticas e com sete ou dez versos.

### **Cordel capixaba: cordelistas/ produtores, suporte e conteúdo temático**

No Brasil, a literatura produzida no Espírito Santo não é tão posta em evidência, se compararmos com textos de literatos de outros Estados e esse fato acontece desde o período de colonização, pois o nosso Estado, historicamente, sempre esteve à margem do poder (RIBEIRO, 1996, p. 09). E, tratando-se de nossa literatura de cordel, melhor, do cordel capixaba, não seria diferente: situando no campo da literatura feita no Espírito Santo, é como se o cordel estivesse à margem da margem (SILVA, 2021, p. 54), talvez vista ainda como uma literatura menor e de pouca qualidade, relacionada ao popular, o que não a legitima enquanto literatura no que se refere aos movimentos de mercado editorial regional e circulação/ compartilhamento.



**Figura 1 – Capas de folhetos capixabas.** (Fonte: Arquivo do próprio autor – 2020)

O cordel é grandiosamente produzido, compartilhado e lido no Norte e Nordeste do país; mas é uma “ideia errônea de muitos que essa poética seja exclusividade do nordestino. Depois de mais de cem anos de existência a semente de Leandro Gomes de Barros já se espalhou pelos quatro cantos do Brasil” (NASCIMENTO, 2021, p. 72). E mesmo migrando, o cordel não perde sua essência popular: em 1988, foi fundada no Rio de Janeiro a Academia Brasileira de Literatura de Cordel, atualmente sediada em Santa Teresa, um dos bairros cariocas mais antigos daquele município.

Suscitamos que o cordel chega ao Espírito Santo após o período inicial da urbanização de São Paulo, o qual corresponde a primeira era Vargas, de 1951 a 1954: momento em que esse Estado recebia muitos migrantes, inclusive os nordestinos, almejando oportunidades de trabalho e mudança de vida. De acordo com Marinho e Pinheiro (2012), o virar do século XIX afetou os sujeitos que trabalhavam no campo, os quais (sobre)viviam em condições de dependência e favor. Acreditamos ainda que de São Paulo, esses migrantes rumavam para outros cantos da região Sudeste, carregando nas malas suas narrativas reais/ concretas envolvidas por riquíssima cultura – cremos que dessa forma o cordel adentra ao Espírito Santo.

Até a defesa da dissertação, a qual dá origem a este artigo, foram mapeados 20 escritores, capixabas ou não, que residem ou residiram no Espírito Santo, os quais se debruçam ou já evidenciaram o cordel em sua composição literária. É importante pontuarmos que para nós, e de acordo com várias pesquisas coordenadas pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Neples/Ufes), o autor capixaba é aquele natural do Espírito Santo, que nesse estado ou fora dele, tenha feito toda ou em parte a sua obra, como também aquele que é natural de outros estados ou países, mas tenha nesse Estado produzido e se dedicado à arte literária. Destacamos também que poucos autores espírito-santenses de cordel usam o rótulo de cordelista, pois suas poéticas são emprenhadas também por outros tipos de produções literárias.

Os dados e informações que se referem aos artistas do Espírito Santo, os quais se dedicam/ dedicaram ao cordel capixaba ainda estão se consolidando, vemos que ainda faltam pesquisas que tenham como escopo essa produção do nosso Estado. Hoje, conseguiremos apresentar neste artigo 24 nomes que produzem ou se inspiram nesse movimento literário, a literatura de cordel, no Espírito Santo. Desde os primórdios dessa pesquisa, para a composição da dissertação, esse mapeamento tem sido feito através de buscas na internet, de diálogo com autores de nossa literatura vernácula ou por troca de e-mails com presidentes ou membros de algumas academias de letras espírito-santenses, além de o estudo de outros intelectuais (capixabas) que analisam a literatura feita aqui no Espírito Santo, assim como entrevistas e interlocuções não formais com os próprios autores/ autoras de cordel capixaba. Nesse percurso, de 2019 para cá, notamos que ainda faltam acervo bibliográfico e pesquisas acadêmicas no campo dos estudos literários que oportunizem o cordel capixaba.



Apesar de todas as dificuldades que envolvem o cordel espírito-santense, alguns autores têm seus nomes mais salientes ao que se diz respeito a esse gênero do discursivo literário, e isso acontece, principalmente, na Grande Vitória, região metropolitana capixaba, como os cordelistas Kátia Bobbio, Teodorico Boa Morte e o trovador Clério Borges. Outros autores de fora da metrópole espírito-santense também já manusearam de alguma forma esse gênero e para maior organização de nossas análises montamos o seguinte quadro:

<b>ESCRITOR / CORDELISTA</b>	<b>MUNICÍPIO</b>	<b>SUPORTE</b>	<b>OBS.:</b>
Cesar Domiciano	São Mateus	Folhetos	Paulista, radicado no Espírito Santo.
Manoel Alves Barreto	Pinheiros	Folhetos/ coletânea	Falecido.
Elmo Elton	Vitória	Antologia	Já falecido.
Hermógenes da Fonseca	Vitória	Usou o processo editorial.	Já falecido.
Kátia Maria Bóbbio	Vitória	Folhetos	Natural de Conceição da Barra.
Clério José Borges Santana	Serra	Folheto	Natural de Vila Velha.
Teodorico Boa Morte	Serra	Livro.	Natural de Serra.
Fábio Pererê	Vitória	Folheto	Natural de Vitória-ES
Wladimir Cazé	Vitória	Folheto	Natural de Petrolina
Aécio de Bruim	Cachoeiro de Itapemirim	Folheto	Natural de Cachoeiro de Itapemirim-ES.
Agnalberth Gonçalves de Campos	Vila Velha	Folheto	Natural de Contagem-MG.
Paulino Leite	Ecoporanga	Folheto	Natural de Jequié-BA
Vitor Vogas	Vitória	Livro e jornal	Natural do Rio de Janeiro.
Maria do Carmo Conopca	Colatina	Livro	Seu cordel produzido como produto educacional em sua pesquisa de mestrado.
Adilson Vilaça	Vitória	Publicará em seu próximo livro e fez publicações em sua conta do <i>Facebook</i> .	Mineiro e radicado no Espírito Santo.
Adenir Bernadino Alves	Vitória	Folheto	Já falecido.



Juacy Lino Feu	Serra	Material não encontrado.	Já falecido.
Pedro Maciel da Silva	Serra	Material não encontrado.	Já falecido.
Moacir Malacarne	Cariacica	Material não encontrado.	Natural de São Domingos do Norte
Célia Oliveira	Não reside mais em nosso estado.	Folheto	Atualmente mora na Irlanda.
Renato de Souza Lima	Vitória	<i>Facebook</i>	Natural de Alegre-ES
João Roberto Vasco Gonçalves	Vitória	Folheto	Natural de Anchieta-ES.
Andrea Espíndula	Vila Velha	Livros/ <i>Instagram</i> .	Natural de Vitória-ES

**Lista de escritores que se debruçaram no cordel capixaba.** (Produzido pelo próprio autor - 2022)

Em Vitória, capital de nosso Estado, Adilson Vilaça, Vitor Vogas, Fábio Pererê, Leonardo Dutra Ferreira e Wladimir Cazé (natural de Petrolina e que mora na capital desde 2009), são nomes que manusearam o cordel de alguma forma. Cazé trouxe dois títulos de sua terra natal: *A filha do imperador que foi morta em Petrolina* e *ABC do carnaval*; Ferreira que estuda o gênero, recita, produz cordel, mas até o momento ainda não encontramos nenhuma publicação dele, acreditamos que ainda não tenha.

O escritor Adilson Vilaça é um grande nome da literatura feita no Espírito Santo e, em 2020, postou em sua página do *Facebook* um cordel em homenagem ao Mestre João Miguel Pereira, pois era seu aniversário de 103 anos. Mestre João reside na Prata dos Baianos, um pequeno distrito de Ecoporanga, e ele ainda é organizador da Roubada da Bandeira, festa popular típica daquele município. Segue o referido texto:

Mestre João Miguel Pereira  
Um entre tantos paisanos  
Festeiro da Brincadeira  
Ali da Prata dos Baianos  
Encantando a vila inteira  
Desde faz corridos anos  
Na Roubada da Bandeira  
Rei de todos os decanos.

Ninho do ilustre folgado



Sua casa alegre reduto  
Vida aberta sem segredo  
Seu olhar de homem astuto  
Um coração de arvoredo  
Ofertório do melhor fruto  
Livre do mal e do medo  
De todo cão absoluto.

No fandango do quintal  
Fincou confiança em São João  
Pra terço e pelo-sinal  
Alto mastro em devoção  
Pro belo festejo anual  
No auge da celebração  
Pela graça celestial  
Todo o povo em oração.

A Brincadeira é ruidosa  
Não somente contrição  
Sua reza é bem rumorosa  
Quando vem a procissão  
Ruge fogo em polvorosa  
Estronços de montão  
Pisa a matraca orgulhosa  
Dando vivas a São João (VILAÇA, 2020).

Adilson Vilaça viveu sua infância em Ecoporanga e possui outras obras enaltecendo esse município, que fica na região Noroeste do Estado. O suporte que Vilaça faz uso para publicar seus cordéis são redes sociais digitais, e ainda não publicou nenhum folheto. Em diálogo com o próprio autor, em seu próximo livro de poesias, possivelmente intitulado de *Quem é dono desta morte?*, trará outro cordel “Cordel de Mestra Ivan”, o qual se dedicará à Folia de Reis e ao distrito ecoporanguense de Imburana.

Kátia Bobbio é uma cordelista de Conceição da Barra, região litorânea do Norte do Estado, que morou muitos anos em Vitória e que agora voltou à terra natal, e escreve cordéis desde 1978, após, na adolescência, ter tido contato com o gênero em período de férias no interior baiano. Bobbio é uma das poucas mulheres do Estado a trabalhar com cordel, acreditamos que a primeira, inclusive, e tem uma obra composta por folhetos com diversos temas: patrimônio histórico-cultural, peido, aquecimento global, pessoas que fizeram história em nosso estado etc.

Os cordéis de Kátia Bobbio abarcam diversos núcleos temáticos: desde os de viés capixaba a problemáticas de cunho social. Em *Praias do Espírito Santo*, Bobbio apresenta e enaltece as praias de nosso estado:

O litoral capixaba  
É uma beleza sem par  
Tem cheiro de maresia  
Que se espalha pelo ar,  
São praias brasileiras  
Que eu agora vou falar

A nossa costa praieira  
Tem águas quentes e frias,  
Algumas são mais desertas  
Com rochas e pedrarias,  
Também tem as mais profundas  
E outras com calmarias... (BOBBIO, 20--, p.01).

Atualmente está aposentada e de volta a Conceição da Barra. Bobbio, além de cordelista, tem formação em Direito, trabalhou com funcionária pública da rede estadual e ainda faz trabalhos como artista plástica. Acreditamos que, no Espírito Santo, Kátia Bobbio é a cordelista mais conhecida pela produção desse gênero do discurso, além de ser uma das mais premiadas. Possui cadeira em 07 academias de letras capixabas, além de outras fora do Espírito Santo. Pensando em Bobbio, enquanto escritora de literatura do Espírito Santo, a partir de uma voz feminina, vemos que ela adentra a uma marginalidade de um todo marginal, a própria cultura capixaba (RIBEIRO, 1996, p. 54), pois, veremos adiante que a maior parte dos cordelistas mapeados no Espírito Santo são homens. E Bobbio “fura a bolha” com maestria, pois além de produzir cordel em nosso Estado, é reconhecida e renomada pela sua arte.

Em Vitória, ainda temos Renato de Souza Lima, natural do município de Anchieta, que escreve poesias em cordel no seu *Facebook* e sua página é “dedicada aos poetas, trovadores e cordelistas capixabas”. Lima publica apenas na referida rede social, segue um fragmento do cordel capixaba “Ser mãe”:

Abordar tema sagrado  
É deveras temerário  
E também é delicado



Tocar em tema diário  
Mas ter mãe é desejado  
Por quem vive o seu ordálio.

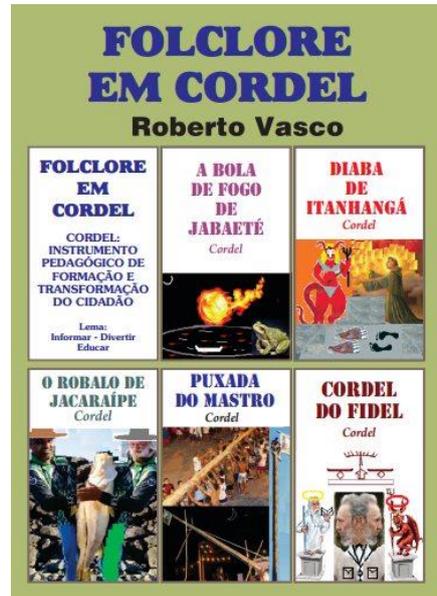
Vem da própria natureza  
O desejo de ser mãe  
Ver no filho uma beleza  
Própria do olhar de mãe  
Fazer dele a fortaleza  
Para proteção da mãe.

Esse desejo inaudito  
Que habita o universo  
É a voz do infinito  
Que no seio está imerso  
E um ser que solta um grito  
Implorando o seu regresso.

É a voz imaculada  
De quem é o Criador  
Cuja mãe, ignorada,  
Não falou se sentiu dor  
A verdade confirmada  
Ela é o próprio amor. [...] (LIMA, 2019).

Ainda na capital, o multiartista (escritor, poeta, historiador, pesquisador, ativista cultural e membro na organização dos Congressos Brasileiros de Poetas trovadores) João Roberto Vasco Gonçalves, dentre os diversos gêneros do discurso literário que produz, também escreve cordéis que evidenciam o folclore e o patrimônio histórico-cultural do Espírito Santo. Seu projeto literário com cordel pretende colocar em tela questões ambientais que envolvem o nosso Estado.

Vasco Gonçalves, que é natural do município de Anchieta, publica seus cordéis em folhetos e, esporadicamente, podemos ler seus versos em sua página do *Facebook* e usa como “nome artístico” nas capas de seus folhetos o pseudônimo Roberto Vasco, além disso é acadêmico titular em várias academias de letras e há ainda aquelas em que o autor é membro correspondente.



Capas de folhetos de Vasco Gonçalves. (Fonte: Perfil pessoal de João Roberto Vasco Gonçalves no Facebook)

O carioca Vitor Vogas foi jornalista do jornal *A Gazeta*, de 2008 a 2021. Publicava poesias em cordel, as quais tinha criado uma personagem, Severino Severo que mediava pelepas com políticos brasileiros videntes naquele contexto (Caderno Dois, 2015, p. 05). No ano de 2014, publicou em cordel uma obra de caráter infanto-juvenil, *Irmãos de leite*, a qual teve outra edição em 2018 e é embasada pela temática das desigualdades sociais.



Capa de *Irmãos de Sangue* (2018). (Fonte: Perfil pessoal de Vitor Vogas no Facebook)



Outro produtor de cordel de Vitória é Fábio Pererê que produziu o folheto *Cordel Afro Capixaba* (2019), o qual movimentava narrativas dos ascendentes africanos que foram escravizados em São Mateus, região Norte/ Nordeste capixaba. Constância de Angola, Clara Maria do Rosário dos Pretos, Zacimba Gaba, Dona Antônia Panelreira e Chico Pombo são algumas das personagens, da coleção “História dos Quilombolas” (2007), de Maciel de Aguiar, em que esse autor se embasa em narrativas orais, desde o período de sua adolescência para criar sua obra. Além de escritor, Pererê é contador de histórias, ator e acadêmico da Academia Brasileira de Contadores de Histórias.

Ainda na capital do Estado, temos o professor Leonardo Dutra Ferreira, graduado em Letras Português-Espanhol e que se dedica ao cordel desde o cumprimento de sua licenciatura. Ferreira, organiza eventos de estudo e recitação de cordel, e se debruça sobre o gênero. Até o fechamento deste artigo não foi encontrado nenhum folheto ou cordel de sua autoria, mas é sabido que ele recita sua obra em eventos de literatura pela capital espírito-santense.

No município de Vila Velha, temos o cordelista Agnalberth Gonçalves Campos, que é mineiro de Contagem, todavia desde a infância viveu em Vitória. Segundo o próprio autor, tem cerca de 85 folhetos; tendo feito nome no Pará. Publicou um folheto capixaba para uma campanha política de um candidato a vereador e deseja publicar um cordel histórico, o qual tem como tema um antigo “puteiro” de Vitória.

Ainda no município canela-verde, Vila Velha, temos a escritora Andrea Espíndula que escreveu o livro infantil *Minhas descobertas pela região das montanhas capixabas* (2022), o qual reverencia e apresenta em cordel para o pequeno leitor essa região do Estado. A autora já publicou em seu *Instagram* cordéis para os municípios capixabas de Alegre, Cariacica, Fundão, Guarapari e Mimoso do Sul. Andrea, além de escritora, é artista plástica e professora de artes.

Em Serra, município da Grande Vitória temos o trovador Clério Borges, que publicou três edições de seu folheto *O Vampiro lobisomem de Jacaraípe* – uma em 1983, outra em 2005 e a terceira e mais recente edição em 2021 – é um folheto que se baseia em uma lenda do balneário de Jacaraípe na Serra. Muito premiado, e renomado no universo das trovas, Clério Borges é membro da Academia de Artes e Letras da Serra.



Edições do folheto *O vampiro lobisomem de Jacaraípe*. (Arquivo do próprio autor (2022))

Outro cordelista da Serra é Teodorico Boa Morte, que também é músico e folclorista. Lançou um cordel narrando a revolta de negros escravizados na região de Queimado (não em folheto, e sim em livro); intitulado *Insurreição de Queimado*, foi publicado pela primeira vez em 1988 e, em segunda versão, em 2019. Ainda publicou em cordel *Igreja dos Reis Magos, de Nova Almeida*. Boa Morte, assim como Borges é acadêmico da Academia de Artes e Letras da Serra.

De acordo com o *Caderno Dois do Diário Oficial do Espírito Santo* (2015), em Serra ainda temos os poetas cordelistas capixabas Juacy Lino Feu, Pedro Maciel da Silva e Moacir Malacarne. Mas até a conclusão deste artigo, não tivemos acesso à produção deles, muito menos as suas biografias.

Em São Mateus, mora o cordelista César Domiciano: paulista, radicado nesse município do norte/nordeste capixaba. Em entrevista com Domiciano, em 2019, o autor nos expôs que foi alfabetizado através da leitura de folhetos, os quais eram trazidos para casa por seu pai, mineiro que foi buscar vida nova em São Paulo e tinha colegas de ofício nortistas e nordestinos. O núcleo temático dos cordéis capixabas de César evidencia as belezas do norte do Estado, fala também sobre os quilombolas dessa região. César Domiciano tem formação em Pedagogia do Campo, pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes, Campus São Mateus).

No município de Cachoeiro de Itapemirim, encontramos Aécio de Bruim, hoje professor aposentado. Além de escrever contos e crônicas, já produziu folhetos sobre artistas que fizeram nome no (e fora do) Espírito Santo, como o escritor Rubem Braga e a artista Luz

Del Fogo. Em 2005, publicou *Cinó, um capixaba sem medo* e sua produção em cordel mais recente é a reprodução nesse gênero de alguns clássicos da literatura infantil como *A festa no céu e outras histórias em cordel*.

Em Ecoporanga, município da região noroeste do Espírito Santo, temos Paulino Leite que faz cordéis e os publica em livros, os quais narram em versos a história do povo ecoporanguense:

No ano de 55  
Ainda era mata virgem  
Não existia ambulância  
Nem também uma viatura  
Pois não existia estrada  
Na mata só tinha picada  
E nos homens e as pisaduras

Nos ombros que carregam  
A padiola e o doente  
Não podia voltar para trás  
Só podia seguir para frente  
De Águia Branca para Ecoporanga  
Com mata de ponta a ponta  
E rios de água corrente... (LEITE, 2004, p. 150).

Conhecido na região como Paulino PT, por ser petista, é natural de Jequié-BA e tem formação escolar apenas até a 4ª série, todavia a pouca escolaridade não inibe o seu processo criativo: Paulino PT já publicou 14 livros.

A professora/ pesquisadora Maria do Carmo Conopca publicou *O menino que nasceu aos 15* (2019), um cordel que trata da importância do nome social de pessoas trans. O cordel é oriundo, como produto educacional, de sua investigação do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal do Espírito Santo. A narrativa de seu cordel traz as vozes sociais de pessoas trans/ travestis, discentes ou servidores do Ifes - Campus Colatina – ambiente de coleta/ produção de dados de sua pesquisa.

Em 2006, Célia Oliveira, que atualmente mora na Irlanda, publicou o folheto *Crime da Ilha do Frade (O direito de saber)*, uma espécie de releitura literária de alguns livros: *O poder da calúnia* (2005), de Vinícius Bittencourt; da crônica do jornalista Pedro Maia, “Cadê as

provas?”, publicada em *A Tribuna*, 26/02/03 e em extrato original de autoria de Neyla Duffles Andrade Donato, *O direito de saber*. O folheto conta, em versos, a dor e a angústia de uma tradicional família capixaba, provindas de um caso de duplo homicídio no bairro nobre da capital Vitória, Ilha do Frade, em 2003.



Capa de *Crime da Ilha do Frade (O direito de saber)*. (Fonte: Arquivo do autor - 2021)

Trazemos também a esta discussão poetas capixabas já falecidos, os quais se dispuseram a produzir cordéis espírito-santenses, dentre eles Adenir Bernardino, carpinteiro do interior que publicou dois cordéis: *A amante assassina* e *O bairro São Pedro*; Elmo Elton, o “príncipe dos poetas” de Vitória; Hermógenes da Fonseca, de Conceição da Barra e que se radicou em Vitória; e Manuel Alves Barreto, de Pinheiros.

Elmo Elton (1925-1988), foi um escritor versátil (JACINTHO, 2014), pois produziu uma diversidade de gêneros do discurso literário (ou não): textos biográficos, organização de antologias, permeou entre trovas e cordéis capixabas também como *ABC de Vitória* e *O Convento da Penha*, *O Padre José de Anchieta no Espírito Santo*, *São Francisco de Assis*, *Terra Capixaba*, *Caboclo Bernardo*, *O enfermeiro das contas brancas e a sineta de ouro*, *A lenda de Braz Gomes – O Judeu Pescador*.

Elton tinha formação em Jornalismo e foi acadêmico da Academia Espírito-Santense de Letras e ainda integrou o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Foi um dos precursores em dar espaço em seu trabalho poético para personagens populares da ilha de Vitória: o pescador, a rendeira e o catraieiro (JACINTHO, 2018, p. 33) e um dos poucos escritores do Espírito Santo que teve seu reconhecimento, enquanto autor, ainda em vida. Citado

pelo engenheiro e poeta trovador Eno Teodoro Wanke, na capa do folheto de Clério Borges, como um dos cordelistas do Espírito Santo, ao lado de Bobbio, Barreto e Clério Borges, por honrarem as Letras Capixabas em um gênero que não é de “fácil feitura”.

Hermógenes da Fonseca, que se autodenominava folclorista capixaba, natural de Itaúnas, distrito de Conceição da Barra, trabalhava com a cultura popular capixaba “em forma de contos, crônicas, ensaios, poesia e cordel” (SECULT, 2013). Tinha formação em Contabilidade e Direito; foi sindicalista, fazia parte do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e foi vereador em Vitória, onde prendeu suas raízes. Produziu ainda fábulas, que tinham como personagens sujeitos simples de Conceição da Barra e de São Mateus e “[...] inúmeras obras que deixou, a maioria em forma de folhetos” (NEVES, 2019, p. 92). Apesar das referências da Secult (2013) e Neves (2019), não tivemos contato com os cordéis de Fonseca até o fim da produção deste artigo.

No município de Pinheiros, região Norte do Estado do Espírito Santo, tivemos o cordelista Manoel Alves Barreto, popularmente conhecido como Barreto, baiano de Ibipecta que se radicou no município espírito-santense supracitado. Estudou até a 4ª série primária, o que não foi empecilho para produzir versos em cordel. Escrevia com ajuda do dicionário e fazia rimas de improviso. Morou em Pinheiros por mais de 30 anos e faleceu em 2009 devido às mazelas oriundas do Mal de Parkinson.

Três anos após sua morte, em 2011, estudantes e professores do grupo Ressoar, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nossa Senhora de Lourdes, localizada nessa cidade, organizaram em livro uma coletânea com seus cordéis. O filho de Barreto, Romilton, também publicou um cordel capixaba para o seu pai: *Barreto, o poeta esquecido*; seu neto Bruno, apesar de não ter publicado nenhum folheto, vem rascunhando alguns cordéis. Os folhetos de Barreto, geralmente, eram fundamentados nos movimentos político-sociais, destacamos alguns: *A eleição do Inferno*, *A voz do povo*, *Espero um Brasil melhor*, *A morte de Tancredo Neves e a Emoção do Brasil em 1985*.

O breve mapeamento de cordelistas capixabas aqui explanado vem contribuir com os estudos contemporâneos acerca da literatura de cordel, pois mostra (e valida) esse tipo de produção poética no Espírito Santo. Notamos que em nosso Estado o cordel ainda não tem um lugar destaque, ao situarmos o gênero na literatura que tem sido feita/ publicada/ circulada por aqui, todavia, não podemos ignorar sua magnificência no contexto capixaba, o que muito se



aproxima das práticas de cordel no Norte e Nordeste do país: aspectos de uma região ou povo, causos, patrimônios, sujeitos que contribuíram para a produção de arte em nosso Estado. O cordel capixaba circunscreve marcas sócio-históricas (e ideológicas) pertinentes ao Espírito Santo, se assemelhando à arquitetura dos genuínos cordéis nordestinos.

### **Apontamentos acerca do cordel com tempero capixaba**

Pelas nossas buscas para compor esse mapeamento de produtores de cordel/ cordelistas do Espírito Santo, vemos que a infinidade temática de suas produções muito lembra o núcleo temático dos cordéis nordestinos – falam de questões políticas, ecológicas, mazelas sociais, lendas, flora, fauna, praias, monumentos e patrimônio histórico-cultural de nossa região, reverenciam pessoas que fazem parte da história capixaba. Entendemos, nesse primeiro olhar que esses enunciados têm vitalidade, pois se concretizam nas práticas de nosso cotidiano, além disso são concretos também, porque abarcam diferentes campos da atividade humana (BAKHTIN, 2011).

Conhecer a pluralidade que envolve o cordel com o tempero capixaba nos colocou em contato com vozes sociais que enaltecem o Espírito Santo culturalmente, mas que ainda não chegam/ chegaram em lugares do saber formal, nos saraus ou outros encontros de literatura; um gênero discursivo que em solo espírito-santense ficou à margem da margem (SILVA, 2021) – ao analisarmos à literatura produzida no Espírito Santo, ela ainda é apagada (pouco conhecida) ao que se diz respeito à amplitude nacional, e o cordel capixaba, enquanto gênero do discurso literário, fica mais à margem em nosso Estado, pois ainda existe o estigma de que “literatura de cordel só é feita no Nordeste” – quando o cordel tem sido produzido em diferentes partes do país.

Vemos que o cordel capixaba dialoga com outros aspectos do cordel nordestino (e da literatura brasileira contemporânea em geral): excede o folheto e pode ser encontrado em diferentes suportes, tais como livros, blogs, antologias, redes sociais, aplicativos. Em nosso “diagrama de cordelistas capixabas”, observamos que muitos produtores de cordel no Espírito Santo, além de atuarem com outros tipos de trabalho e/ ou áreas de conhecimento, estão quase sempre ajuntados às academias de letras as quais são acadêmicos e sua produção acaba circulando pelos municípios que residem e suas adjacências – o que pontua uma possível

fragilidade desta pesquisa: outros escritores que se embasam ou se debruçam no cordel como prática literária no Espírito Santo podem ter ficado de fora desse mapeamento, por isso acreditamos na urgência de outras pesquisas acadêmicas que possibilitem o ecoar das vozes dos escritores de cordel/ cordelistas capixabas.

Em nossas análises dos cordéis capixabas, notamos também que eles não seguem à risca as métricas nordestinas tradicionais (o que poderia ser estendido a partir de análises comparativas em próximas pesquisas), ademais, as práticas de recitação de poesias em cordel no Espírito Santo são escassas. Muito acreditamos que essas vozes sociais (e autorais) precisam ser ouvidas e valorizadas e que o mapeamento apresentado neste artigo possa ser um *start* para que outras pesquisas fundamentadas no cordel capixaba sejam desenvolvidas e façam esses textos adentrarem a novos espaços, além de trazer outras contribuições para os estudos contemporâneos de literatura de cordel no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- BOBBIO, Kátia. *Cordel Praias do Espírito Santo* [Folheto de cordel]. Vitória: Governo do Espírito Santo, [20--]. 8p.
- BORGES, Clério José. *O vampiro lobisomem de Jacaraípe* [Folheto de cordel]. 2. ed. Serra: Clube dos Trovadores Capixabas, [2005]. 8p.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhaïlovich. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- HAURÉLIO, Marco. *Literatura de cordel: do Sertão à sala de aula*. São Paulo: Paulus, 2013.
- JACINTHO, André L. N. *O poeta da cidade, Elmo Elton: vida e obra*. Vitória: Prefeitura de Vitória, 2014.
- JACINTHO, André L. N. *Leitura poética de Vitória na obra de Elmo Elton*. 2018. 175f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades) – Programa de Pós-graduação em Ensino em Humanidades, Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.
- LEITE, Paulino. *Ecoporanga e suas raízes*. Vitória: Edit, 2004.
- LIMA, Renato Souza. **Ser mãe**. Vitória, 12 mai. 2019. Disponível em: <<https://www.facebook.com/cordelcapixaba/posts/pfbid02Q1VfSeJ8z5qYzAZXz4bJEBK3jHrZTrVp6CdhuED42ZqRmeZSXweJ4LMZyVed2nESl>>. Acesso em: 29 nov. 2022.
- MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012.



- NASCIMENTO, Varnecki. Da enxada à educação. In: ARAÚJO, Peterson Martins; BRANDÃO, Maria Aparecida Ventura; SANTOS, Simão Pedro dos.; SILVA, Josivaldo Custódio da (Orgs.). *Tessituras do cordel brasileiro: múltiplos olhares*. João Pessoa: Ideia, 2021.
- NEVES, Reinaldo Santos. *Mapa da literatura feita no Espírito Santo*. 2. ed. Vila Velha; Vitória; Cariacica: Estação Capixaba; Neples; Cândida, 2019. (Série Estação Capixaba, v. 20).
- RIBEIRO, Francisco Aurelio. *A literatura do Espírito Santo: uma marginalidade periférica*. Vitória: Nemar, 1996.
- ROCHA, Claudio. Cordel com sotaque capixaba. In: *Revista de Cultura do Diário Oficial do Espírito Santo*. Caderno Dois, Vitória, ano V, n. 29, p. 03 a 05, set. 2015.
- SILVA, A. V. U. S. da. *A literatura de cordel como prática motivadora da leitura e da escrita em sala de aula*. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal Rural de Pernambuco-Unidade Acadêmica de Garanhuns, Garanhuns, 2018.
- SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Vertentes e evolução da literatura de cordel*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Rovel, 2011.
- SILVA, Josivaldo Custódio da. Universo da literatura popular e os tipos de cordéis. In: ARAÚJO, Peterson Martins; BRANDÃO, Maria Aparecida Ventura; SANTOS, Simão Pedro dos.; SILVA, Josivaldo Custódio da (Orgs.). *Tessituras do cordel brasileiro: múltiplos olhares*. João Pessoa: Ideia, 2021.
- SILVA, Rodrigo dos Santos Dantas da. *O cordel capixaba no ensino fundamental II: práticas dialógicas de leitura e escrita nas aulas de língua portuguesa*. 2021. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Mestrado Profissional em Letras, Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.
- DE SOUZA, Luana Rafaela dos Santos; PASSOS, Orientadora Virginia de Oliveira Alves. Literatura de cordel: Um recurso pedagógico. *Revista Científica da FASETE*, p. 75, 2018. Disponível em:  
< [https://www.fasete.edu.br/revistarios/media/revistas/2018/17/literatura\\_de\\_cordel.pdf](https://www.fasete.edu.br/revistarios/media/revistas/2018/17/literatura_de_cordel.pdf) >. Acesso em: 25 out. 2020.
- TRAJETÓRIA de Hermógenes Lima Fonseca é contada em livro. In: *Secult*, Vitória, 05 de jan. 2013. Disponível em: <<https://secult.es.gov.br/trajetoria-de-hermogenes-lima-fonseca-e-conta>> Acesso em: 30 set. 2020.
- VILAÇA, Adilson. *Cordel de João Miguel*. Vitória, 24. jun. 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo?fbid=1453893641465507&set=a.111721479016070>>. Acesso em: 25 jun. 2020.